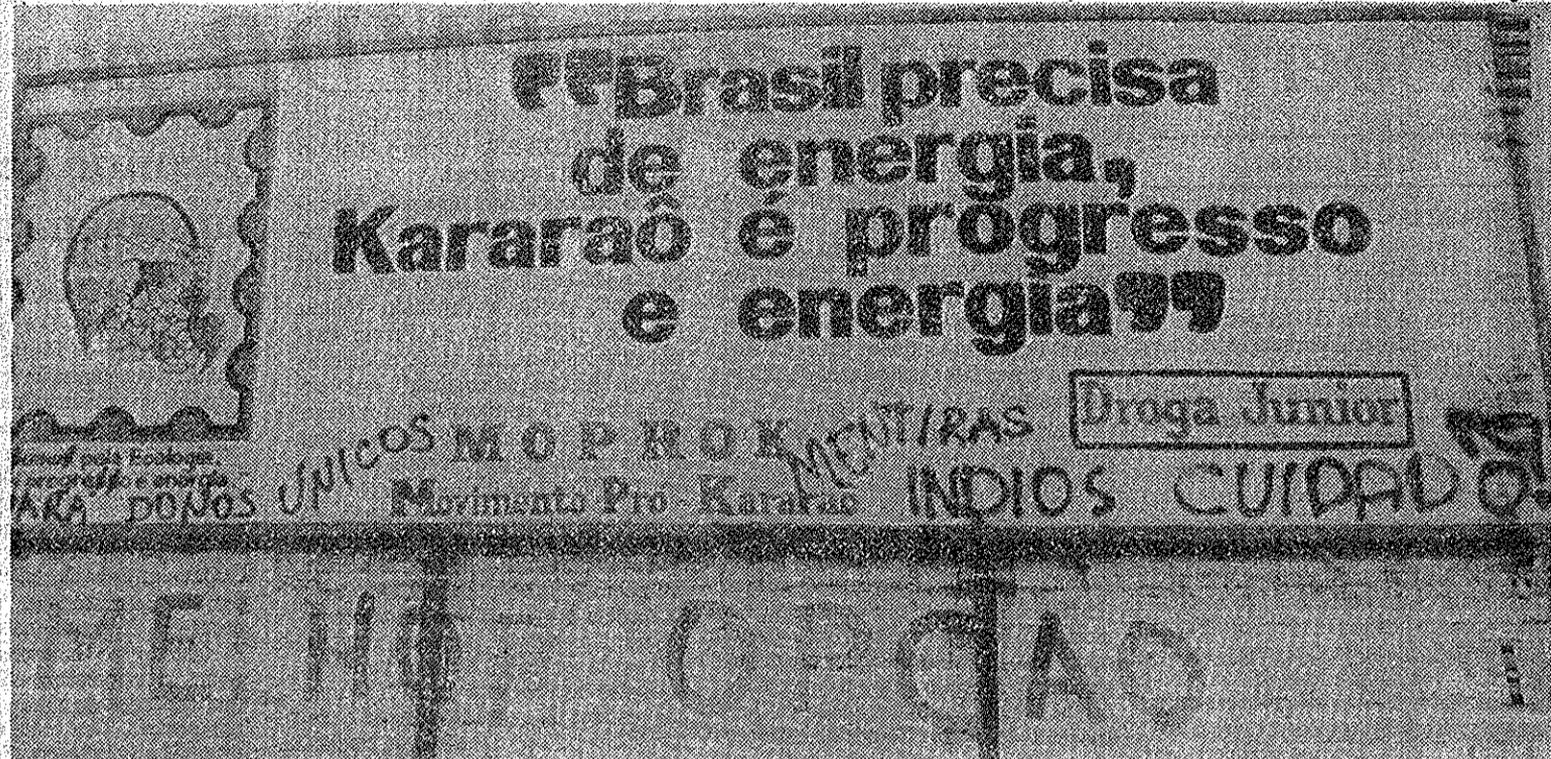


Brasil

JORNAL DO BRASIL

Altamira, Pará — Flávio Rodrigues



O confronto já começou nos cartazes, que ocupam praticamente todas as ruas da cidade

UDR ocupa Altamira para o confronto com ecologistas

Ricardo Arnt

ALTAMIRA, Pará — Os ecologistas que estão a caminho da cidade, para participar, de 20 a 25, do I Encontro de Nações Indígenas, vão tomar um susto. Altamira está coberta de ca-

rtazes favoráveis à construção da Usina Hidrelétrica de Cararaó e mobilizada pela UDR local e pela prefeitura a favor do "progresso com energia".

O prefeito Armínio Doceteu Denardin (PMDB) esteve em Belém, quinta-feira, para pedir ao governador Hélio Gueiros reforço para a guarnição de 23 PMs da cidade. Estima-se que 2 mil pessoas, entre índios e ecologistas, do Brasil e exterior, cheguem a Altamira nos próximos dias. Quatrocentos caiapós — os anfitriões do encontro — já estão acampados a três quilômetros da cidade, na chácara Betânia, da prelazia do Xingu, dirigida pelo presidente do Conselho Indigenista Missionário, o bispo Erwin Kreutler, que, para desapontamento de muitos, está na Suíça. Diariamente chegam ônibus com mais índios. Hoteleiros e motoristas de táxi estão eufóricos.

De Belém, o líder caiapó Paulo Paiacã — operado de apendicite aguda terça-feira — deu ordem para os índios ficarem fora da cidade até a abertura do encontro, principalmente na segunda-feira à tarde, quando o recém-criado Moproc — Movimento Pró-Cararaó — promoverá uma passeata a favor da usina. Mas no dia 24, os adversários da hidrelétrica receberam considerável reforço: 25 senadores, deputados federais e estaduais confirmaram a ida a Altamira para ouvir as queixas dos índios contra a usina.

A hidrelétrica de Cararaó, cuja construção está prevista para começar em 1993, inundará 1.225 quilômetros quadrados de floresta densa para produzir 11 mil megawatts de energia (um pouco menos do que os 12.600 mw de Itaipu), efetivando o início da exportação da energia gerada na Amazônia para o Sul do país. Para a Eletronorte, a barragem, que custará Us\$ 5,8 bilhões, é o "empreendimento energético de maior relevância nacional no final deste século".

A usina é o primeiro empreendimento do Complexo de Altamira, conjunto de seis barragens na bacia do Xingu que

inundariam, sucessivamente, nada menos do que 18 mil quilômetros quadrados de floresta, atingindo as terras de sete nações indígenas. Mas, em novembro passado, a Eletronorte anunciou, oficialmente, o adiamento, para reestudo, da barragem de Babaquara, a maior de todas, que afogaria 6.200 quilômetros de mata.

Sob condições geográficas excepcionais, Cararaó oferece um dos custos por kilowatt mais baratos do Brasil (Us\$ 417) e dos 1.225 quilômetros quadrados do seu reservatório, 610 mil fazem parte da calha natural do rio Xingu. Segundo a empresa estatal, 344 pessoas terão de ser removidas, entre os quais 286 índios que vivem às margens do rio, quase todos jurunas.

A hidrelétrica significa mudanças irreversíveis para toda a região. No pico da construção, seus dois canteiros deverão atrair 31 mil pessoas para a cidade — hoje com 38 mil habitantes. Altamira deverá receber substanciais investimentos em infra-estrutura de transportes, comunicações, energia elétrica, habitação, saúde, saneamento básico e abastecimento.

Os brasileiros da região clamam por Cararaó; Bom senso: Cararaó e energia juntos"; Brasil precisa de energia, dizem as faixas e cartazes nas ruas do centro, cada uma com o nome das firmas locais que as patrocinam

Na cidade, só o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Partido dos Trabalhadores e a Prelazia do Xingu colocam-se contra. Mas, em contraste com a campanha oficiosa, as críticas só aparecem em modestas pichações nos muros. No grande cartaz verde e amarelo da UDR, na Avenida Sete de Setembro, que proclama Somos pela ecologia com progresso e energia, a oposição pichou cifrões nos esses e acrescentou: Para donos únicos.

José Bonifácio Elias Santana, 27, motorista de táxi, baiano de Jequié, desde 1979 em Altamira, apóia com entusiasmo a usina: "As pessoas de fora não têm idéia. Acham que a floresta vai ser destruída. Mas não faz falta. O problema é o índio. Mas eles têm terra demais, você nem acredita". José Bonifácio, entretanto, tem medos: "Bem, se você analisar direito, é verdade que quando a obra acabar e os canteiros pararem, isso aqui vai virar a maior confusão".